INTRODUÇÃO

1-Origens, finalidades e divisões da filosofia

A filosofia começou com o desejo dos homens de conhecerem as coisas; é natural o homem querer conhecer, isto é, o elemento racional do homem lhe põe sempre perguntas sobre as coisas que o cercam, especialmente as coisas muito grandes e mais estranhas a sua compreensão. Há até um ditado português que diz que de médico, de filósófo e de louco todo mundo tem um pouco, e é bem assim, porque a própria vida exige filosofia. Tempestade, crepúsculo? Leis que movem as estrelas? Vida? Felicidade? Morte, o que há depois? São perguntas que sentimos premência de responder. Mais ainda, desejamos um conhecimento pleno e perfeito de tudo quanto cai na mira da nossa atenção. Temos necessidade da certeza, do conhecimento profundo. É por isto que a filosofia procura o porquê dos porquês, a causa das causas. Ela é a ciência que procura as causas mais profundas, isto é, as primeiras, de tudo quanto nos cerca.

Pela filosofia o homem acaba tendo uma compreensão das coisas do universo. Porém não podemos responder tudo: nossa visão é limitada. Não podemos nunca ver todos os aspectos, erramos, em suma, temos necessidade da Revelação para uma compreensão final do sentido de nossa vida, de Deus e de como alcançá-lo, etc. A razão pode compreender muitas coisas mas, tem necessidade da Religião para completar seu conhecimento pela Revelação do que está acima de sua compreensão natural, para orientar seus passos naquilo que ela pode entender, e para conduzí-la à explicação de todas as coisas.

Costuma-se dizer que a filosofia é a ciência que ensina a dizer com palavras exatas aquilo que todo mundo sabe; é uma formulação muito interessante, porque de fato a filosofia não inventa nada, mas diz apenas o que as coisas são; não há nada de pessoal na filosofia, mas apenas objetividade, apenas explicação das coisas.

Aristóteles dá a mais antiga divisão da filosofia em : Física, Metafísica e Ética.

A Física estudava os seres materiais.

A Metafísica é a parte que vinha depois da Física, mas vai além das características materiais dos seres e procura estudar o que há de mais íntimo neles.

A Ética estudava o comportamento humano.

Atualmente e divisão é outra, segundo o Manual de Filosofia Tomista, de Collins:

1. Filosofia especulativa
   - Metafísica geral
     - Ontologia
     - Criteriologia (Lógica maior)
   - Metafísica especial
     - Cosmologia (estudo do cosmos)
     - Psicologia (estudo da alma)
     - Teologia natural (estudo de Deus)

Filosofia prática

Lógica (menor ou formal)
Moral
Estética

Ontologia é o tudo do ser enquanto ser, é a metafísica propriamente dita.

Criteriologia é o estudo do ser enquanto pensado, estuda a possibilidade do homem conhecer a verdade, estuda as certezas, etc. é também chamada lógica Maior.

O que vamos estudar aqui é simplesmente a metafísica ou ontologia.

2- Sentido e importância da Metafísica

Aristóteles diz que a metafísica é a filosofia propriamente dita a sabedoria. A origem histórica do nome é uma simples questão de colocação no seu livro: a metafísica era ali a parte que vinha logo depois da física, mas o nome pode ser entendido também como a ciência que estuda o ser além de suas características físicas, materiais.

A metafísica estuda pois o ser abstraindo todas as condições materiais. Ela visa mostrar a natureza, propriedades, causas e divisões do ser enquanto tal, da realidade em geral; é a ciência do ser enquanto tal, considerado meramente enquanto ser, sem levar em conta se ele é branco ou azul, material ou espiritual, finito ou infinito, por isso se diz às vezes que a metafísica é a ciência dos seres imateriais, o que não quer dizer que ela estude apenas os seres espirituais, mas o ser em geral, abstraindo suas condições materiais.

A metafísica é a mais abstrata e universal das ciências, mais abstrata porque separa todas as condições materiais do ser, e como trata do ser enquanto tal se aplica a absolutamente todas as coisas, por isso é a mais universal. Também é chamada ciência dos primeiros princípios; princípio é aquilo do qual decorre algo. Há dois tipos de princípios: a)metafísicos - isto é, aqueles dos quais decorre toda a realidade; b)criteriológicos, que são os conhecimentos fundamentais dos quais decorrem todod os outros conhecimentos.

A metafísica é o fundamento de todo conheciemnto, daí sua tremenda importância. Como os fundamentos de uma casa determinam toda a casa, é da noção de ser que vem todo o restante conhecimento. É da metafísica que vêm todas as outras ciências. Nenhum conhecimento pode contrariar os princípios metafísicos, se o fizer é este conheciemto que está errado. Mas também, qualquer erro de metafísica produz consequências tremendas nas outras ciências. O panteísmo de Spinoza deriva de sua falsa concepção de substância. Hegel deduz todo o Idealismo de sua noção de ser indeterminado. Erros metafísicos produzem sempre graves consequências concretas, tanto assim que o autor comenta "os filósofos do século

XVIII não podem lavar suas mãos do sangue derramado na Revolução Francesa" (J. G. Hibben - Introdction to Philosophy, pg 8). Este é um pensamento excelente. Voltaire, Rousseau, não podem ser considerados inteiramente separados do movimento político que suas idéias produziram. No mesmo sentido, Marx é responsável por todas as guerras do mundo de hoje.

Além disto, Aristóteles diz que a metafísica é a ciências mais desinteressada, a mais excelente, e a mais necessária.

Para entendermos bem qual é o objeto da metafísica devemos fazer uma distinção. Objeto material de uma ciência é o sujeito material ao qual ela dedica seu estudo. Objeto formal é o aspecto particular segundo o qual uma ciência considera algo. Assim, por exemplo, a geografia e a geologia tem o mesmo objeto material: a terra. O que as diferencia é o objeto formal, isto é, a maneira particular com que cada uma considera a Terra. A geografia estuda-a como ela se apresenta hoje, enquanto a geologia procura conhecer seu processo de formação.

A metafísica tem como objeto material o ser, agora o seu objetivo formal é estudar o ser enquanto ser. Um ser qualquer pode ser estudado de mil pontos de vista diversos: físico, químico, etc. Ele pode, no entanto, ser estudado enquanto ser. Este é o lado metafísico.

Pressupostos

A escolástica pressupõe o realismo moderado, isto é,que o homem é capaz de conhecer a realidade e que as coisas existem independentemente do nosso conheciemnto. É interessante notar que sendo a doutrina católica extremamente lógica, essas verdades são fundamentais à formação de qualquer pessoa; de fato esses pressupostos destroem todo o pensamento revolucionário.

Toda a questão do conhecimento das coisas gira em torno do problema dos universais. Universal é um elemento que cabe a muitos, que é comum a vários, por exemplo, a noção de homem é um universal, cabe a todos os homens concretamente existentes.

O problema dos universais consiste em saber se os universais existem realmente, ou não existem, ou ainda se existem de alguma forma. A doutrina de São Tomás chama-se realismo moderado , e se opõe a dois extremos, o nominalismo e o realismo radical.

O nominalismo afirma que os universais são apenas nomes e não tem nenhuma existência realSó existiriam realmente os seres concretos, individualizados. Por exemplo, não existiria "a cadeira", mas apenas cadeiras concretas. Essa negação do universal conduz à negação de todo o conhecimento teórico. A única maneira de conhecer seria estudar os elementos concretos, na realidade. Isto deu origem a uma super valorização da experiência sobre a abstração, ao estudo exagerado das ciências concretas. Foram estas idéias que triunfaram do Renascimento para cá.

O realismo radical considera que o universal existe concretamente em algum lugar. Existiriam realmente "o cavalo", "o cão". Isto se relaciona com o platonismo. Daí viria uma super valorização dos conceitos genéricos. A Revolução Francesa, por exemplo, super valorizou o universal. Ela fez a declaração dos direi-

tos "do homem", e não dos homens reais.

O realismo moderado, que é aceito pela Escolástica, afirma que nós temos conceitos verdadeiramente universais, e que eles se fundam em algo exterior à mente, mas que este conceito fora da mente não existe como objeto universal, existe apenas como objeto individual, isto é, fora da mente o universal existe encarnado nos seres concretos. Note-se bem que o conceito universal representa algo verdadeiramente real, não é uma idéia desconexa da realidade. Assim, por exemplo, o conceito de homem existe em cada um de nós, mas é só na mente que ele se abstrai do ser concreto, individualizado.

Outro princípio importantíssimo da metafíca escolástica é que todo conhecimento intelectual é adquirido através dos sentidos, o nosso conhecimento não é como o dos anjos que não tem necessidade de coisas materiais para pensar. Nós temos esta necessidade porque temos corpo. Isto significa que se uma pessoa não tivesse sentido nenhum, ela não teria nenhuma idéia na cabeça.

Isto é muito importante porque a tendência da filosofia moderna é separar o pensamento da realidade concreta, enquanto o verdadeiro é exatamente o contrário: consiste em alimentar sempre a teoria com a realidade concreta. Uma comparação "rouxinol" para o caso seria a seguinte: a águia voa alto, mas precisa se alimentar com o coelho da realidade. Se ela ficasse continuamente voando,nas alturas, morreria por falta do alimento. Mas também, se só quisesse pegar coelho e viver no solo, virava galinha. Nossa inteligência é como a águia, tem que voar alto. Foi mesmo feita para isto, mas precisa descer sempre ao concreto para tomar no concreto o exemplo que vai alimentar a doutrina.

A metafísica escolástica é pois a filosofia da Idade Média, a filosofia ensinada nas escolas, daí o seu nome. Suas fontes foram principalmente Platão e Aristóteles, que eram conhecidos através de Santo Agostinho e de Boécio. Os grandes mestres da Escolástica medieval foram S. Boaventura, A. Alberto, S. Tomás, a Escolástica decaiu a partir de Duns Scotto.

CAPITULO PRIMEIRO

Comecemos então a metafísica propriamente dita.

1. O conceito de ser

Ser é tudo aquilo que é real. Para se compreender bem isto é preciso saber o que é real e o que não é real. A realidade não tem definição, é evidente. Portanto, não tem nem admite demonstração. Compreendemos o que é real simplesmente pelo contraste com o oposto, o irreal.

Real é tudo aquilo que tem, ou pode ter, existência fora da mente (não se está excluindo aqui a própria mente). Irreal é o que não se pode conceber, que é auto-contraditório, que não pode existir de modo algum, nem na realidade, nem no pensamento, como, por exemplo, um círculo quadrado. Agora, o Pégaso, o Centauro, são seres possíveis, não há nada neles que contrarie a própria existência. Bem entendido, não existem na ordem concreta, mas poderiam existir; são, pois, seres possíveis.

A metafísica ao estudar a realidade leva em conta os seres que existem atualmente e os seres possíveis, ou seja, os seres que ao menos atualmente são meramente mentais. A importância disto é enorme, e o desprezo desta noção acarreta as mais funestas consequências. Os eleáticos diziam que só o atual é real, o ser possível não existia para eles. O corolário era a negação de toda mudança. Já que o ser não se pode transformar em não ser, a única realidade seria o ser imutável e único. Daí vê-se a razão de todos os sofismas de Zenon sobre a irrealidade do movimento. Contra ele estava Heráclito, para quem o ser é ilusão, e só é real a eterna mudança, o devir, o perpétuo fluxo do vir-a-ser, mas as coisas não existiriam realmente.

Aristóteles tomou a posição intermediária. É tão evidente que as coisas existem quanto que elas mudam. Ao incluir na realidade o ser possível ele explica tanto o movimento quanto o ser.

Ser é tudo o que tem capacidade potencial de existência. Essa definição é básica para a compreenção da metafísica escolástica. Observe-se, porém, que realidade e existência não tem demonstração, são, como dissemos, noções intuitivas.

Características do conceitp de ser

O conceito de ser é o mais universal porque se aplica a tudo. O que é real é ser. O ser está acima de todas as divisões, gêneros e espécies, abranje tudo e por isso é chamado transcendente a todas as categorias.

É o primeiro de todos os conceitos no pensamento e também no tempo, quer dizer, lógica e cronologicamente é anterior a todas as outras noções, não há nenhum conceito sem esse primitivo. Numa criança a primeira noção é de ser.

É a mais indeterminada das noções, pois não se relaciona exclusivamente com nenhum ser, mas abranje a todos. É um conceito genérico, embora não seja absolutamente indeterminado. Um dos erros de Hegel foi afirmar a absoluta indeterminação de conceito de ser, e daí concluir: " ser é nada".

É o mais abstrato dos conceitos. Chega-se à noção de

ser abstraindo todas as distinções entre os seres. Resumindo: o conceito de ser é o mais universal, transcendente, primeiro dos conceitos, mais indeterminado e abstrato.

Note-se que há uma diferença entre ser indeterminado e ser infinito. O ser indeterminado tem a maior extenção possível, pode ser aplicado a qualquer realidade, mas tem menor compreensão, isto é, é o que dá menos informação a respeito da realidade à qual le está referido. Vê-se mais genericamente, mas vê-se menos. O ser infinito tem a menor extensão possível porque se aplica a um ser, mas também a maior compreensão, isto é, tem maior quantidade de atributos. Tem todas as perfeições em grau máximo.

Princípios da noção de ser

1) Se compararmos o ser consigo mesmo concluímos que ele é idêntico a si mesmo. É o princípio da identidade: pedra é pedra.

2) Comparando o ser com o nada, isto é, com o não existente, vê-se que lees são inteiramente opostos. O que um afirma, o outro nega. O ser e o nada não podem ser atribuídos ao mesmo sujeito, ao mesmo tempo, um exclui o outro. Corolário disso é o princípio de não contradição: uma coisa não pode ser e deixar de ser, ao mesmo tempo, sob o mesmo ponto de vista. Ex.- mesa é mesa, e não é cadeira.

Aristóteles acusava Heráclito de negar o princípio de contradição ao dizer que as coisas estavam constantemente passando ao oposto, e daí provocando as mudanças. Hegel critica Aristóteles afirmando que o ser ao relacionar-se com o outro identifica-se com o outro e seria ao mesmo tempo ele e o outro, o ser e o nada. Esta afirmação é inadmissível porque eu relacionado com o protestantismo não fico protestante. A relação não torna os seres idênticos, as relações entre os seres não transformam um ser em outro. Por exemplo, duas pessoas que estão frente a frente estão relacionadas entre si, mas não se identificam.

3) Princípio da exclusão do médio: não existe alternativa entre o ser e o não ser. Ou a coisa é real, ou não existe.

Unidade do conceito de ser

O conceito de ser, enquanto atividade da mente humana, é subjetivo, mas o ser não é subjetivo. Existe um conceito objetivo de ser que provem do próprio ser. A metafísica não trata de um conceito pessoal de ser, ele trata do ser enquanto tal.

O conceito de ser também é um ser e a metafísica estuda esse conceito. Sendo o conceito de ser o mais universal, ele tem que ter uma certa unidade porque o universal consiste naquilo que é comum a muitos. A unidade do conceito de ser, significa que alguma noção está sempre presente quando se tem a idéia de ser. É preciso frisar que é uma unidade do conceito de ser, não é unidade do ser. A afirmação da unidade de ser é panteísta.

Ser é a capacidade de existir, oposição ao nada. Há uma única noção de ser. A única coisa que pode interferir nesta unidade seria a noção de modos ou divisão do ser. Mas isto não pode acontecer, porque o conceito de ser se forma pela abstração de todos os modos e divisões, e portanto é único.

Como há algo de comum a todos os seres, pode-se em alguma medida, compreender Deus, porque conhecendo o ser, eu conheço Deus que é ser. Se não houvesse esta unidade do conceito de ser, qualquer conhecimento de Deus seria impossível à razão humana. Porém ressaltemos novamente que a unidade do ser é lógica, e não real.

A afirmação da unidade conceitual do ser não nega a multiplicidade dos seres. A individualidade dos seres é tão real quanto os próprios seres. São dois erros que se devem evitar: negar a unidade do conceito de ser, caindo no agnosticismo, e negar a multiplicidade e individualidade dos seres, afirmando assim o panteísmo monista.

Cada ser do universo tem a sua unidade. Mas o conjunto das coisas também tem unidade. Porque é ser, o homem tem unidade, mas o conjunto dos homens, a humanidade, também tem unidade. O universo tem unidade, que se relaciona com Deus. A unidade do universo é uma unidade de sistema que provém das múltiplas relações entre as unidades componentes e da dependência do universo, enquanto todo, do Criador. É isso que torna o conjunto das coisas universo.

Analogia do ser

Quando há uma plena e perfeita unidade num conceito, ele é dito unívoco, isto é, é um conceito que tem sentido único, que pode ser atribuído a vários seres, mas inteiramente com o mesmo sentido. Por exemplo, o termo "o giz", designa concretamente uma infinidade de seres, mas com um único e bem definido significado.

Outras vezes, há uma certa unidade apenas, que não é plena, nem perfeita no conceito. Por exemplo, "pé de mesa" e "pé humano" têm algo de comum, mas esses dois conceitos, estão muito longe de ter unidade perfeita. Nesse caso se diz que o conceito é análogo. Basta haver alguma unidade, por mais imperfeita que seja, para que haja analogia. Ex.: "clima saudável" e "cor saudável" são análogos. Um indica saúde, o outro indica é propício à saúde, mas há uma certa unidade implícita no conceito saudável. Outro exemplo: "smiling liberty", não significa precisamente que a liberdade seja risonha. Ela não tem boca para sorrir. É que ela produz um efeito de alegria; liberdade sorridente é uma expressão analógica.

O conceito de ser é unívoco ou análogo? Deus e pedra, ambos são seres. Se o conceito de ser é unívoco, isto é, se o conceito de ser estabelecesse uma unidade plena, perfeita, então, a pedra seria Deus. Se o conceito de ser é análogo, não.

Resposta para esta pergunta pode ser dada melhor se compararmos a maneira em que o conceito universal é aplicado para os indivíduos, com a maneira em que o conceito de ser é aplicado para as divisões do ser.

Todo conceito universal representa algo comum a vários, mas o conceito de ser representa algo comum a todos. Sob a extensão do conceito de ser caem todos os universais, por isto a noção de ser é transcendental.

A extensão do universal abarca certa divisão da realida

de e representa o que os indivíduos têm em comum, mas não aquilo em que os indivíduos diferem.

Por exemplo o universal "animal" designa todos os seres que têm vida sensível.

Mas alguns desses seres são também racionais. Portanto a idéia de racioanlidade não está incluída no conceito animal. Um ser pode ser animal sem ser racional, e pode ser racional sem ser animal (anjos). O que se chama perfeita precisão entre dois conceitos. Um não inclui o outro.

Quando dizemos que o homem é um animal, e que um cavalo é um animal, afirmamos apenas que eles têm vida sensitiva mas não distinguimos em que o homem difere do cavalo. Se quisermos distinguir, teremos que acrescentar ao conceito "animal" outro conceito, o de "racioanalidade", que não está incluído no conceito de animal. Assim, representaremos perfeitamente o que o homem é, mas teremos agora um conceito de menor extensão, o de "animal racional". Esse método de diminuir a extensão de um conceito universal, é chamado método de composição.

Esse método não pode ser usado com o conceito de ser em geral para reduzí-lo às divisões do ser. Não se pode aplicar porque ao conceito de ser em geral nada pode ser acrescentado porque já inclui todos os conceitos das divisões de ser. Essas divisões mesmas são seres.

Para exprimir o que Deus é, acrescentamos ao conceito de ser, a noção de "ser em si mesmo". Para a criatura acrescentamos a noção de "ser que existe por outro" (ens ab allio).

Ora, as diferenças ("em si mesmo" e "por outro") são também seres e ao acrescentarmos essas noções de conceito de ser, não acrescentamos nada distinto do conceito de ser. Isso não ocorria com o caso de "animal" e "racional".

Quando falamos pois de Deus como ser, expressamos indeterminadamente tudo que Deus é, do mesmo modo que, quando falamos de criatura, como ser, expressamos tudo que ela é.

Portanto não usamos a palavra ser para Deus e para a criatura do mesmo modo, no mesmo sentido. Deus e criatura são seres, mas não do mesmo modo. Portanto o conceito de ser é análogo quando aplicado às divisões do ser porque de se refere a elas no sentido de que são realidades, mas também no sentodo de que são diferentes realidades.

Divisões do ser

1. Divisão do ser em geral (ens ut sic)

a) ens a se: é o ser que existe por si mesmo, é só Deus.

b) ens ~~ab~~ in allio: é o ser que existe por outro, é a criatura.

c) ens per se: é a substância existente por si. Ex.: cadeira.

d) ens per allio: é o acidente, o vermelho numa blusa.

2. Tipos de ser real

a) atual e potencial: ser atual é o que existe no

momento na ordem concreta. Ser potencial é o que pode vir a existir.

b) Infinito ou finito: é uma divisão baseada na posse de perfeição do ser. Perfeição é a realidade que um ser possui. Pode ser a inteira realidade de um ser, uma substancial parte de realidade ou alguma modificação acidental dele. Assim, todo ser tem mais realidade que sua sombra.. Um livro e um cavalo têm a mesma perfeição? Não, porque o cavalo tendo vida é mais real, mais perfeito. A pefeição pode advir de três formas: da inteira realidade do ser (Deus), de uma parte substancial da realidade (as substâncias que têm uma parte da realidade) ou de alguma modificação acidental da realidade (o acidente).

Se a perfeição do ser é sem limite, o ser é infinito, ou seja, ser infinito é aquele que possui toda a perfeição. Ele é totalmente positivo, embora a palavra "infinito" seja negativa (in = não) pela razão que nós só conhecemos os seres finitos; a noção de infinito, de perfeito vem pelo contraste com os seres finitos, pela oposição de idéias. O ser infinito é absolutamente positivo porque contém toda a realidade. Os seres finitos é que são negativos, isto é, possuem uma negação de ser, uma limitação, um limite para a própria perfeição.

Só as perfeições finitas podem ser conhecidas diretamente por nós. Elas são positivas na medida em que correspondem a uma realidade; a perfeição infinita não cabe em nossa compreensão. Nossa experiência com as coisas finitas nos dá porém uma idéia da perfeição sem limite. Vemos um branco, outro mais branco, um quente, outro mais quente, sempre há um limite. A comparação é que me dá a noção duma perfeição sem limite, daí a noção de infinitude.

Desta forma, bem se vê que o infinito não é formado de partes que se acrescentam, porque a soma de partes finitas vai dar um ser indeterminado, mas não infinito. O infinito é a plenitude de perfeição e não um aumento de quantidade de perfeição. Assim, o infinito matemático não é o mesmo infinito de que estamos tratando, é o indefinido, porque sempre se pode somar mais um, mas não é plenitude, não é infinito. Se somassemos muitas, ou mesmo infinitas parcelas de bondade não dava infinito, porque cada parcela seria finita e o total limitado. O infinito corresponde pois à perfeição em plenitude.

c) Necessário e contingente: ser necessário é aquele cuja própria essência implica sua existência. Ser contingente, ao contrário, é aquele que pode não existir. Ex.: o ser humano poderia não existir, é contingente. Só o ser infinito é necessário , pois se assim não fosse ele não teria plenitude de perfeição. Se ele pudesse não ter realidade, não teria parfeição, porque ter perfeição em máximo grau significa ter plena realidade, e portanto existência.

Quando um ser contingente existe de fato, a existência nele é necessária, dado que Deus o fez, istoé, na hipótese da criação, é necessário. Esta necessidade chama-se hipotética. Por exemplo, Nossa Senhora, não é necessária ao plano da redenção do gênero humano. Ela se tornou necessária porque Deus quis, é uma neces

sidade hipotética. Porque Deus A fez Ela se tornou necessária.

d) Imutável e mutável: ser imutável é o que não está sujeito a mudanças; sendo assim, é óbvio que o ser infinito tem que ser imutável, pois do contrario perderia ou ganharia perfei - ção ao muadr e então não seria infinito, a plenitude exige imutabilidade.

e) Eterno e temporal: eterno é o ser cuja existência não está sujeita a etapas, a transformações. Aqui também vemos que o ser infinito tem que ser eterno, pois se assim não fosse, em algum tempo ele seria, em outro não, o que é incompatível com a plenitude da perfeição. Resumindo o que foi dito: o ser infinito tem que ser necessário, imutável e eterno.

f) Ser absoluto e relativo: esta noção é simples. Ser absoluto é o que considerado em si mesmo í independente de qualquer outra coisa, que é capaz de ser sem referência a qual - quer outra coisa. Ser relativo é aquele que tem referência com al gum outro ser, e não pode existir indepemdentemente do ser ao qual está referido. Por exemplo, a criatura, que só existe com re ferência a Deus. Só Deus é absoluto, todos os seres finitos são relativos. Em sentido lato, a substância é absoluta em relação ao acidente, porque o acidente depende da substância.

Referimo-nos várias vezes a substância e essência sem - termos dado o conceito exato desses termos, porque por razões didáticas elas serão assunto do segundo texto, onde serão detidamen te estudadas.

.....

Do livro:
SCHOLASTIC METAPHYSICS
John F. McCormick, S.J.
Loyola University Press, 1940
Chicago, Illinois

Nota explicativa:

Esta apostila é um resumo parcial do livro citado. Ela se mantém fiel ao texto, acrescentaremos apenas as explicações que a didática exigir.